



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XXX — Nº 41

SÁBADO, 10 DE MAIO DE 1975

BRASÍLIA — DF

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 58ª SESSÃO CONJUNTA, EM 9 DE MAIO DE 1975

SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO 30º ANIVERSÁRIO DA VITÓRIA ALIADA NA II GUERRA MUNDIAL.

ATA DA 58ª SESSÃO CONJUNTA, EM 9 DE MAIO DE 1975

1ª Sessão Legislativa Ordinária, da 8ª Legislatura

PRESIDÊNCIA DO SR. MAGALHÃES PINTO

Às 14 horas e 30 minutos, acham-se presentes os Srs. Senadores:

Alievir Leal — José Guimard — Evandro Carreira — José Esteves — José Lindoso — Cattete Pinheiro — Jarbas Passarinho — Renato Franco — Alexandre Costa — Henrique de La Rocque — José Sarney — Fausto Castelo-Branco — Helvídio Nunes — Petrónio Portella — Mauro Benevides — Virgílio Távora — Wilson Gonçalves — Agenor Maria — Dinarte Mariz — Jessé Freire — Domicio Gondim — Milton Cabral — Ruy Carneiro — Marcos Freire — Paulo Guerra — Wilson Campos — Arnon de Mello — Luiz Cavalcante — Teotônio Vilela — Augusto Franco — Gilvan Rocha — Lourival Baptista — Heitor Dias — Luiz Viana — Ruy Santos — Dirceu Cardoso — Eurico Rezende — João Calmon — Amaral Peixoto — Roberto Saturnino — Vasconcelos Torres — Benjamim Farah — Danton Jobim — Nelson Carneiro — Gustavo Capanema — Itamar Franco — Magalhães Pinto — Franco Montoro — Orestes Quêrcia — Orlando Zancaner — Benedito Ferreira — Lázaro Barboza — Osires Teixeira — Itálvio Coelho — Mendes Canale — Saldanha Derzi — Accioly Filho — Leite Chaves — Mattos Leão — Evelásio Vieira — Lenoir Vargas — Otair Becker — Daniel Krieger — Paulo Brossard — Tarso Dutra.

OS SRS. DEPUTADOS:

Acre

Nabor Júnior — MDB; Nossier Almeida — ARENA; Ruy Lino — MDB.

Amazonas

Antunes de Oliveira — MDB; Joel Ferreira — MDB; Mário Frota — MDB; Rafael Faraco — ARENA; Raimundo Parente — ARENA.

Pará

Alacid Nunes — ARENA; Edison Bonna — ARENA; Gabriel Hermes — ARENA; Jader Barbalho — MDB; João Menezes — MDB; Jorge Arbage — ARENA; Júlio Viveiros — MDB; Juvêncio

Dias — ARENA; Newton Barreira — ARENA; Ubaldo Corrêa — ARENA.

Maranhão

Epitácio Cafeteira — MDB; Eurico Ribeiro — ARENA; João Castelo — ARENA; José Ribamar Machado — ARENA; Luiz Rocha — ARENA; Magno Bacelar — ARENA; Marão Filho — ARENA; Temístocles Teixeira — ARENA; Vieira da Silva — ARENA.

Piauí

Celso Barros — MDB; Correia Lima — ARENA; Dyrno Pires — ARENA; Hugo Napoleão — ARENA; João Clímaco — ARENA; Murilo Rezende — ARENA; Pinheiro Machado — ARENA.

Ceará

Antonio Moraes — MDB; Claudino Sales — ARENA; Ernesto Valente — ARENA; Figueiredo Correia — MDB; Flávio Marcílio — ARENA; Furtado Leite — ARENA; Gomes da Silva — ARENA; Januário Feitosa — ARENA; Manoel Rodrigues — ARENA; Marcelo Linhares — ARENA; Mauro Sampaio — ARENA; Ossian Araripe — ARENA; Paes de Andrade — MDB; Parsifal Barroso — ARENA; Paulo Studart — ARENA.

Rio Grande do Norte

Antônio Florêncio — ARENA; Francisco Rocha — MDB; Henrique Eduardo Alves — MDB; Ney Lopes — ARENA; Pedro Lucena — MDB; Ulisses Potiguar — ARENA; Vingt Rosado — ARENA; Wanderley Mariz — ARENA.

Paraíba

Ademar Pereira — ARENA; Álvaro Gaudêncio — ARENA; Antônio Gomes — ARENA; Antônio Mariz — ARENA; Humberto Lucena — MDB; Janduhy Carneiro — MDB; Marcondes Gade-

EXPEDIENTE

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Seção II

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

EVANDRO MENDES VIANNA

Diretor-Geral do Senado Federal

ARNALDO GOMES

Diretor-Executivo

PAULO AURÉLIO QUINTELLA

Diretor da Divisão Administrativa

ALCIDES JOSÉ KRONENBERGER

Diretor da Divisão Industrial

Via Superfície:

Semestre	Cr\$ 100,00
Ano	Cr\$ 200,00

Via Aérea:

Semestre	Cr\$ 200,00
Ano	Cr\$ 400,00

(O preço do exemplar atrasado será acrescido de Cr\$ 0,30)

Tiragem 3 500 exemplares

Iha — MDB; Maurício Leite — ARENA; Petrônio Figueiredo — MDB; Teotônio Neto — ARENA; Wilson Braga — ARENA.

Pernambuco

Airon Rios — ARENA; Carlos Wilson — ARENA; Fernando Coelho — MDB; Fernando Lyra — MDB; Geraldo Guedes — ARENA; Gonzaga Vasconcelos — ARENA; Inocêncio Oliveira — ARENA; Jarbas Vasconcelos — MDB; Joaquim Coutinho — ARENA; Joaquim Guerra — ARENA; Josias Leite — ARENA; Lins e Silva — ARENA; Marco Maciel — ARENA; Monsenhor Ferreira Lima — ARENA; Ricardo Fiuza — ARENA; Sérgio Murillo — MDB; Thales Ramalho — MDB; Valério Rodrigues — ARENA.

Alagoas

Antonio Ferreira — ARENA; Geraldo Bulhões — ARENA; José Alves — ARENA; José Costa — MDB; Theobaldo Barbosa — ARENA; Vinicius Cansanção — MDB.

Sergipe

Celso Carvalho — ARENA; Francisco Rollemberg — ARENA; José Carlos Teixeira — MDB; Passos Pôrto — ARENA; Raimundo Diniz — ARENA.

Bahia

Antonio José — MDB; Djalma Bessa — ARENA; Fernando Magalhães — ARENA; Henrique Brito — ARENA; Henrique Cardoso — MDB; Hildérico Oliveira — MDB; Horácio Matos — ARENA; João Alves — ARENA; João Durval — ARENA; Jutahy Magalhães — ARENA; Leur Lomanto — ARENA; Lomanto Júnior — ARENA; Manoel Novaes — ARENA; Menandro Minahim — ARENA; Ney Ferreira — MDB; Noide Cerqueira — MDB; Odulpho Domingues — ARENA; Prisco Viana — ARENA; Rogério Rêgo — ARENA; Rômulo Galvão — ARENA; Ruy Bacelar — ARENA; Theódulo Albuquerque — ARENA; Vasco Neto — ARENA; Viana Neto — ARENA; Vieira Lima — ARENA; Wilson Falcão — ARENA.

Espírito Santo

Aloisio Santos — MDB; Argilano Dario — MDB; Gerson Camata — ARENA; Henrique Pretti — ARENA; Mário Moreira — MDB; Moucy Dalla — ARENA; Oswaldo Zanello — ARENA; Parente Frota — ARENA.

Rio de Janeiro

Abdon Gonçalves — MDB; Alair Ferreira — ARENA; Alberto Lavinas — MDB; Alcir Pimenta — MDB; Álvaro Valle — ARENA; Amaral Netto — ARENA; Ário Theodoro — MDB; Brígido Tinoco — MDB; Célio Borja — ARENA; Daniel Silva — MDB; Darcílio Ayres — ARENA; Dasso Coimbra — ARENA; Emanuel Waissmann — MDB; Erasmo Martins Pedro — MDB; Florim Coutinho — MDB; Francisco Studart — MDB; Hélio de Almeida — MDB; Hydekel Freitas — ARENA; JG de Araújo Jorge — MDB; Joel Lima — MDB; Jorge Moura — MDB; José Bonifácio Neto — MDB; José Haddad — ARENA; José Maria de Carvalho — MDB; José Maurício — MDB; José Sally — ARENA; Léo Simões — MDB; Leônidas Sampaio — MDB; Luiz Braz — ARENA; Lygia Lessa Bastos — ARENA; Lysâneas Maciel — MDB; Mac Dowell Leite de Castro — MDB; Marcelo Medeiros — MDB; Milton Steinbruch — MDB; Miro Teixeira — MDB; Moreira Franco — MDB; Osmar Leitão — ARENA; Oswaldo Lima — MDB; Pedro Faria — MDB; Peixoto Filho — MDB; Rubem Dourado — MDB; Walter Silva — MDB.

Minas Gerais

Aécio Cunha — ARENA; Altair Chagas — ARENA; Bento Gonçalves — ARENA; Carlos Cotta — MDB; Cotta Barbosa — MDB; Fábio Fonsêca — MDB; Francelino Pereira — ARENA; Francisco Bilac Pinto — ARENA; Genival Tourinho — MDB; Geraldo Freire — ARENA; Homero Santos — ARENA; Humberto Souto — ARENA; Ibrahim Abi-Ackel — ARENA; Jairo Magalhães — ARENA; Jorge Ferraz — MDB; Jorge Vargas — ARENA; José Bonifácio — ARENA; José Machado — ARENA; Juarez Batista — MDB; Manoel de Almeida — ARENA; Marcos Tito — MDB; Melo Freire — ARENA; Murilo Badaró — ARENA; Navarro Vieira — ARENA; Nelson Thibau — MDB; Nogueira da Gama — MDB; Nogueira de Rezende — ARENA; Padre Nobre — MDB; Paulino Cícero — ARENA; Raul Bernardo — ARENA; Renato Azeredo — MDB; Silvío Abreu Júnior — MDB; Sinval Boaventura — ARENA; Tancredo Neves — MDB; Tarcísio Delgado — MDB.

São Paulo

A.H. Cunha Bueno — ARENA; Adalberto Camargo — MDB; Aírton Sandoval — MDB; Aírton Soares — MDB; Alcides Franciscato — ARENA; Amaral Furlan — ARENA; Antonio Morimoto — ARENA; Athiê Coury — MDB; Aurelio Campos — MDB; Blotta Junior — ARENA; Cantídio Sampaio — ARENA; Cardoso de

Almeida — ARENA; Dias Menezes — MDB; Diogo Nomura — ARENA; Edgar Martins — MDB; Faria Lima — ARENA; Ferraz Egreja — ARENA; Francisco Amaral — MDB; Frederico Brandão — MDB; Freitas Nobre — MDB; Gioia Junior — ARENA; Guaçu Piteri — MDB; Herbert Levy — ARENA; Ivahir Garcia — ARENA; Pedro Carolo — ARENA; João Arruda — MDB; João Cunha — MDB; João Pedro — ARENA; Joaquim Bevilacqua — MDB; Jorge Paulo — MDB; José Camargo — MDB; Lincoln Grillo — MDB; Marcelo Gato — MDB; Octacílio Almeida — MDB; Odemir Furlan — MDB; Otavio Ceccato — MDB; Pacheco Chaves — MDB; Roberto Carvalho — MDB; Salvador Julianelli — ARENA; Santilli Sobrinho — MDB; Sylvio Venturolli — ARENA; Theodoro Mendes — MDB; Ulysses Guimarães — MDB; Yasunori Kunigo — MDB.

Goiás

Adhemar Santilo — MDB; Ary Valadão — ARENA; Elcival Caiado — ARENA; Fernando Cunha — MDB; Genervino Fonseca — MDB; Helio Levy — ARENA; Hélio Mauro — ARENA; Iturival Nascimento — MDB; Jarmund Nasser — ARENA; José de Assis — ARENA; Juarez Bernardes — MDB; Rezende Monteiro — ARENA; Siqueira Campos — ARENA.

Mato Grosso

Antonio Carlos — MDB; Benedito Canellas — ARENA; Gastão Müller — ARENA; Nunes Rocha — ARENA; Ubaldo Barém — ARENA; Vicente Vuolo — ARENA; Walter de Castro — MDB.

Paraná

Adriano Valente — ARENA; Agostinho Rodrigues — ARENA; Alencar Furtado — MDB; Alípio Carvalho — ARENA; Álvaro Dias — MDB; Antônio Annibelli — MDB; Antonio Belinati — MDB; Antônio Ueno — ARENA; Ari Kffuri — ARENA; Braga Ramos — ARENA; Cleverton Teixeira — ARENA; Expedito Zanotti — MDB; Fernando Gama — MDB; Flávio Giovini — ARENA; Gamaliel Galvão — MDB; Gomes do Amaral — MDB; Hermes Macêdo — ARENA; Igo Losso — ARENA; Italo Conti — ARENA; João Vargas — ARENA; Minoru Miyamoto — ARENA; Nelson Maculan — MDB; Norton Macêdo — ARENA; Olivir Gabardo — MDB; Osvaldo Buskei — MDB; Pedro Lauro — MDB; Santos Filho — ARENA; Sebastião Rodrigues Júnior — MDB; Walber Guimarães — MDB.

Santa Catarina

Abel Ávila — ARENA; Adhemar Ghisi — ARENA; Angelino Rosa — ARENA; Dib Cherem — ARENA; Ernesto de Marco — MDB; Francisco Libardoni — MDB; Henrique Córdova — ARENA; Jaison Barreto — MDB; João Linhares — ARENA; José Thomé — MDB; Laerte Vieira — MDB; Luiz Henrique — MDB; Nereu Guidi — ARENA; Pedro Colin — ARENA; Valmor de Luca — MDB; Wilmar Dallanhol — ARENA.

Rio Grande do Sul

Alberto Hoffmann — ARENA; Alceu Collares — MDB; Aldo Fagundes — MDB; Alexandre Machado — ARENA; Aluizio Paraguassu — MDB; Amaury Müller — MDB; Antônio Bresolin — MDB; Arlindo Kunzler — ARENA; Augusto Trein — ARENA; Carlos Santos — MDB; Célio Marques Fernandes — ARENA; Cid Furtado — ARENA; Eloy Lenzi — MDB; Fernando Gonçalves — ARENA; Getúlio Dias — MDB; Harry Sauer — MDB; Jairo Brum — MDB; João Gilberto — MDB; Jorge Uequet — MDB; José Mandelli — MDB; Lauro Leitão — ARENA; Lauro Rodrigues — MDB; Lidovino Fanton — MDB; Magnus Guimarães — MDB; Mário Mondino — ARENA; Nadyr Rossetti — MDB; Nelson

Marchezan — ARENA; Nunes Leal — ARENA; Odacir Klein — MDB; Rosa Flores — MDB; Vasco Amaro — ARENA.

Amapá

Antônio Pontes — MDB.

Rondônia

Jerônimo Santana — MDB;

Roraima

Hélio Campos — ARENA.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Declaro aberta a Sessão Solene do Congresso Nacional e convido sua Excelência o Senhor Ministro Djaci Falcão, Presidente do Supremo Tribunal Federal, a compor a Mesa. **(Palmas.)**

Sua Excelência toma assento à Mesa.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — A presente sessão destina-se a comemorar o 30º Aniversário da Vitória Aliada na II Guerra Mundial.

É executado o Hino Nacional, ouvido de pé por todos os presentes.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Ao iniciar as solenidades desta reunião comemorativa do 30º aniversário da vitória das nações aliadas na segunda Guerra Mundial, a Presidência ressalta a presença da Força Expedicionária nos campos de batalha da Europa, com a participação destacada de nossa Força Aérea e de nossa Marinha de Guerra. Nunca será demasiado exaltar a personalidade militar do Marechal Mascarenhas de Moraes **(Palmas.)** no comando e na liderança de nossos oficiais e pracinhas, cabendo ainda dar real destaque, entre muitos que lutaram nos campos da Itália, a dois valorosos soldados: um deles, o General Humberto de Alencar Castello Branco **(Palmas.)** que, em momento difícil da vida brasileira, alcançou a mais alta magistratura do País: a Presidência da República. O outro, que aqui está entre nós, para alegria nossa, S. Ex^a, o Marechal Cordeiro de Faria, **(Palmas prolongadas.)** herói da Força Expedicionária Brasileira, um dos Comandantes a quem a Nação e, especialmente, o Congresso Nacional, prestam sinceras homenagens por sua tradicional vocação democráticas. **(Palmas.)**

Nesta sessão solene comemorativa da vitória das nações aliadas, em defesa dos princípios democráticos contra a intolerância totalitária, temos a honra de contar com a presença de S. Ex^a, o General Mark Clark, **(Palmas prolongadas.)** Comandante do 5º Exército aliado, de cujo corpo fazia parte a Força Expedicionária Brasileira:

A S. Ex^a, General Mark Clark, a Mesa do Congresso Nacional rende especial homenagem em nome de todos os congressistas brasileiros.

Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana, que falará em nome do Senado Federal.

O SR. LUIZ VIANA (Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Marechal Cordeiro de Faria, Sr. General Mark Clark, Srs. Ministros, Srs. Oficiais Generais, ex-Comandantes, Srs. Senadores, Srs. Deputados, meus senhores, minhas senhoras:

Trinta anos! Trinta anos, Senhor Presidente, volvidos após a data memorável, fim de uma das guerras mais brutais, entre as que têm lacerado a humanidade. Trinta anos passados sobre o dia em que se encerrou aquela sombria página da História, para que da lúgubre noite do anunciado cativo de um milênio emergisse o sol da esperança e da liberdade. Hoje, nesta festa, tudo é luz, tudo são flores a traduzirem o nosso reconhecimento, e aqui estamos reunidos como homens livres, senhores do destino de uma nação livre. Mas, para

que isso se tornasse realidade, quanta luta, quanto sofrimento, e também quanta grandeza. Foi mister que, ao longo de seis anos de incertezas e de sacrifícios, homens de todos os continentes se dispusessem a morrer em defesa de alguns ideais mais valiosos do que a vida. E graças ao holocausto de milhões de seres, que afrontaram todos os perigos e sofrimentos, foi possível deter e abater os que se propunham a mergulhar o mundo na ignomínia da escravidão. Bem haja, Senhor Presidente, a memória daqueles cuja bravura e abnegação nos permitiu ver a aurora que eles não conheceram, a aurora que apenas iluminou os seus túmulos.

Hoje, decorridas três décadas sobre o evento memorável, orgulha-nos saber que entre os que ajudaram a redimir a humanidade contam-se os integrantes da Força Expedicionária Brasileira, melhor diria os nossos "pracinhas", cuja bravura jamais será excessivo exaltarmos. (Palmas.) Por certo, e como sempre ocorre, não faltavam os incrédulos, para os quais jamais combateríamos, sendo mais fácil uma cobra fumar do que os nossos soldados pisarem o solo do Velho Mundo. Eles, entretanto lá chegaram. Era, aliás, a segunda vez em que, neste século, o Brasil, fiel à vocação do seu povo, se aliava aos que não permitiriam que a liberdade desaparecesse da face da terra. Representantes das nossas três armas — Marinha, Exército e Aeronáutica — cruzaram o Atlântico em defesa dos generosos ideais que ainda uma vez uniam os partidários da paz e do respeito nas relações internacionais.

E ostentando orgulhosamente, como símbolo de determinação e de heroísmo, a cobra que fumou em terras da Europa, os nossos "pracinhas" desfraldaram a Bandeira do Brasil sob os céus da Itália, lutando ombro a ombro com soldados de outras nações, em particular ao lado do V Exército dos Estados Unidos, cujo eminente Comandante, o General Mark Clark, (Palmas.) nos honra com a sua presença nesta solenidade, acompanhando-o o General Gabriel Disosway, credor do apreço e do reconhecimento da nossa Força Aérea.

Comandante das forças aliadas desembarcadas em Salerno, caberia a ele, após árdua jornada através da Itália, redimir a primeira capital européia sob o jugo nazista, a eterna Roma. Esse o libertador: que hoje saudamos agradecidos, e emocionados por haver Deus o conservado para, juntos, celebrarmos este grande dia da Liberdade.

Saudamo-lo como se nos dirigíssemos a um velho amigo, tantos os laços que o vinculam ao Brasil, de cuja admiração e reconhecimento são testemunho as condecorações com que o agraciou em várias oportunidades. Coube, aliás, a este mesmo Congresso a rara iniciativa de conceder-lhe o título de General Honorário do Exército Brasileiro, cuja espada recebeu das mãos do então Ministro da Guerra, General Zenóbio da Costa. Saudando-o, portanto, não fazemos mais do que reiterar antigos sentimentos há muito consagrados pelos representantes do povo brasileiro.

Em 25 de agosto de 1944, dia de Caxias, dirigiu ele à tropa sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, estas palavras que nos soam como admirável vaticínio sobre as lutas que travaríamos com as forças do nazi-fascismo: "Vós os derrotareis e aniquilareis em toda a parte onde os encontrardes. Vós vos cobrireis de glória e escrevereis um belo e brilhante capítulo na história da vossa amada Pátria, o Brasil... (Palmas.) Grandes dias vos esperam". Em verdade era a glória que os esperava.

A glória que eles bravamente conquistaram, compoem uma das mais belas páginas da história militar do Brasil. Palmo a palmo pelejaram através de cerca de quatrocentos quilômetros, que se estendem de Lucca a Alessandria, nos vales dos rios Sêrchio, Reno e Panaro até alcançar a histórica planície do Pô. Sobre o que foram os oito meses de luta em que se afirmou a capacidade militar dos nossos soldados assim se externaria o Marechal Mascarenhas de Moraes: "Um dia se reconhecerá que o seu esforço foi superior às suas possibilidades materiais, porém, plenamente consentâneo com a noção de dever e amor à responsabilidade, revelados pelos nossos homens em todos os degraus e escalões da hierarquia".

Do denodo com que se bateram os nossos soldados é prova eloquente as pesadas baixas sofridas pelos nossos efetivos. Nem por outra razão o General Crittenberg, que bem de perto acompanhou as ações da Força Expedicionária Brasileira, afirmou que os seus feitos teriam lugar proeminente quando se escrevesse a história da Segunda Guerra Mundial. De fato, num curto lapso de tempo, grandes títulos de glória se incorporaram ao patrimônio das nossas mais fulgentes tradições militares, e disso dão alto testemunho Monte Castelo, Montese, Fornovo, Castelnuovo, Camaione, e tantos outros lugares em que pelejaram e venceram os que enaltecera o Brasil, abrindo os caminhos da democracia.

Se não há que destacar nomes, tal a exação com que cada qual cumpriu o seu dever, muitas vezes até o superando, nem por isso estamos desobrigados de lembrar os oficiais gerais que tão extraordinariamente encarnaram as mais altas virtudes dos nossos militares, a começar por Mascarenhas de Moraes, o chefe admirável e admirado, padrão de segurança e de equilíbrio, principalmente nos momentos mais difíceis da campanha. (Palmas.) Ao seu lado contou ele com Zenóbio da Costa, (Palmas.) em que a impetuosa coragem tornava esmaecidos outros nobres traços do infante; Cordeiro de Farias, (Palmas.) cuja juventude era apenas atributo a lembrar os generais de Napoleão, tal a soma de qualidades que lhe exornam a singular personalidade de militar e de cidadão e Falconieri da Cunha, (Palmas.) figura magnífica de organizador sempre à altura das missões.

Havendo ajudado a salvar o mundo não poderiam os nossos soldados encerrar a gloriosa peregrinação antes de também libertarem o Brasil. Nem se conceberia que tendo pelejado e morrido combatendo o nazi-fascismo permanecessem indiferentes diante da Pátria subjugada pela ditadura implantada em 1937, e que a própria guerra, contraditoriamente, prolongaria para que se não perturbasse a luta em favor das democracias.

Bem mais tarde, ao dirigir-se, em Belo Horizonte, a uma Convenção de ex-combatentes, o Presidente Castello Branco, (Palmas) vindo também dos campos de batalha, e de quem escreveria o Marechal Mascarenhas de Moraes haver sido o seu "grande e emérito auxiliar no planejamento das operações e nos estudos de situação durante a Campanha da Itália", assim lhes recordaria os gloriosos dias vividos: "Na Segunda Grande Guerra, combatemos pela democracia no mundo e pela paz entre as nações. Talvez nada exprima melhor os sentimentos que nos animaram naqueles dias tormentosos do que a Mensagem do Presidente Roosevelt, em 1941, sobre as quatro liberdades fundamentais... Foram essas quatro liberdades fundamentais — e creio que muitos dos aqui presentes ainda se recordarão da intensidade e da esperança com que ecoaram entre os amigos da Liberdade — foram elas que o Presidente Roosevelt opôs vitoriosamente à promessa enganadora daquela paz de mil anos sob a tutela do nazismo. Liberdades que ele bem disse não serem uma utopia para o próximo milênio. De fato elas aí estão, fortes e fecundas, assegurando aos povos os benefícios da democracia, hoje viva e vigorosa graças ao sacrifício daqueles que tombaram nos campos de batalha, mas que é mister defender e preservar cada dia, inclusive contra aqueles que a trazendo freqüentemente na boca não a têm na consciência".

Em verdade sacudidos pelos que regressavam laureados pela vitória, e aos quais logo se haviam unido fiéis amigos da liberdade, ruíram no Brasil, em outubro de 1945, os muros da opressão. Do mesmo modo que, em 1964, para impedir o sacrifício da democracia, houve que reunir e levantar o mesmo espírito que se inspirara nos campos de batalha. Contudo, tal como aconteceu em muitos outros povos, também aqui a paz seria difícil e penosa. Se, para a quase totalidade dos brasileiros era a democracia aspiração definitiva e insubstituível, para reduzido e obstinado grupo representava apenas a ponte para se chegar a outra ditadura. Seria ela assim não uma oportunidade de equilíbrio e compreensão entre concepções diversas, mas descuidada e desprotegida caminhada para a sua própria

destruição. Infelizmente, uma realidade da qual surgiria o insuperado conflito que ainda hoje, passados trinta anos, nos inquieta na busca de solução justa, equânime e conciliadora.

A hecatombe a par dos sofrimentos poria a nu, em toda a sua brutal extensão, os males de uma sociedade marcada pelo egoísmo e pela cupidez, e jamais permitiria que o mundo voltasse a um passado definitivamente sepultado. De um mundo varrido pela dor dever-se-ia esperar brotasse a flor da solidariedade entre os homens. Em verdade, porém, ao longo do tempo que nos separa daquele dia de vitória em lugar da marcha batida para a democracia e a liberdade muitos caminhos se abriram diante de um mundo surpreendido, por vezes atônitos ante as contradições que lhe eram apresentadas. E ainda hoje dir-se-ia que o homem não logrou colher tranqüilamente a recompensa sonhada e merecida.

Dir-se-ia que havendo ganho a guerra há três décadas, por igual período estamos em busca de encontrar a paz, tal como a desejaram os que se sacrificaram nos campos de batalha.

Não importam, porém, as dificuldades, e até mesmo as decepções. Fiéis ao sacrifício e à bravura dos que em terra, no mar, e no ar, tanto honraram nossas tradições de coragem, de lealdade, de exatidão no cumprimento do dever, o que os brasileiros almejam, e em particular as gerações mais novas, é encontrar no exemplo de quantos, oficiais, soldados, ou cidadãos, contribuíram para a construção de um mundo melhor, inspiração para continuarem a lutar pela paz e pela democracia. A luta, inseparável da própria condição humana, não nos atemoriza ou aflige. Basta-nos consciência de pelejarmos o bom combate, desdobramento daquele mesmo travado pelos que, em jornadas sucessivas e magníficas, tão alto ergueram a nossa bandeira. Angústia-nos, sim, imaginarmos que pudessem aqueles que lutaram e sofreram indagar de nós, mesmo com o silêncio dos mortos, o que fizéramos do seu sacrifício. Por que e para que teriam eles morrido? A pergunta, entretanto, não nos atemoriza, pois aqui estamos para dizer-lhes que, agradeceidos e comovidos por tudo quanto fizeram pelo Brasil e pela Humanidade, continuamos seguindo os seus passos para construir uma grande nação livre. A nação com que eles sonharam, e na qual a posteridade encontrará os mesmos ideais daqueles que há trinta anos, valente e abnegadamente viraram uma das mais trágicas páginas da História, para que se iniciasse uma era iluminada pelo sol da esperança.

Glória, Sr. Presidente, aos que lutaram para que hoje, celebrando-os e reverenciando-os, nos fosse permitido nos reunirmos nesta Casa, símbolo mais alto da democracia no Brasil. Glória, Senhor Presidente, a quantos, sem distinção de raça, de credo, ou de nacionalidade, fizeram dos seus sacrifícios a trincheira invencível da liberdade, cuja vitória comemoramos com entusiasmo igual ao dos que a saudaram em maio de 1945, tanto verdadeiro que a glória, por ser eterna, é indiferente ao tempo. Este passa — a glória permanece imaculada, para coroar os heróis cujas vidas imoladas continuarão a ser exemplo e inspiração para os que aspiram a um mundo de paz e fraternidade para todos os povos. (Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Fábio Fonseca.

O SR. FÁBIO FONSECA (Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Srs. Ministros de Estado, Srs. Oficiais-Generais, Srs. Oficiais, meus ex-Comandantes, meus ex-companheiros que se encontram na tribuna de honra, ex-combatentes ou pracinhas, Srs. Congressistas, minhas senhoras, hoje talvez seja um dia tão emocionante para mim como aquele em que desembarquei numa chata nas praias de Marina de Piza. Encontro-me tomado de emoção e, ao mesmo tempo, atemorizado para enfrentar a figura magistral de nosso Comandante do 5º Exército Aliado, Sr. General Mark Clark. (Palmas.)

A honrosa presença do General Mark Clark, Comandante do V Exército Aliado nas operações contra o nazi-fascismo na Itália, pro-

picia-nos a vinda a esta tribuna, no duplo e relevante papel de deputado e de ex-combatente, para ressaltar a tradição histórica de nossas Forças Armadas em sua função de guardiãs da Ordem e do Progresso e, em particular, como força vitorial, entre todas as tendências libertárias do mundo democrático, na ação conjunta que fez desaparecer o pior e mais brutal dos totalitarismos que o mundo já conheceu.

Sua ação nos campos da Itália não foi um fato isolado. Nasceu de suas origens, que se radicam na convocação do próprio povo, que condenou nas ruas de nossas capitais, durante uma ditadura, a devastação do mundo livre, o submetimento das colônias africanas, os massacres raciais e o mito insuportável de uma ideologia baseada na superioridade genética. Nasceu no apelo dos poetas, dos músicos e dos intelectuais, que repudiavam imitações nazi-fascistas arrivando em nosso próprio território e desunindo a Pátria brasileira. Nasceu no clamor dos trabalhadores das usinas, dos vaqueiros dos pampas, dos seringueiros e jangadeiros do Norte e do Nordeste, dos mineradores do Sul, dos inconfidentes de Minas, dos plantadores de café, dos trabalhadores dos portos e das estivas, fazendo com que a alma nacional se empolgasse na manifestação de seus melhores valores políticos, militares, econômicos e artísticos, como se expressou na canção de guerra e paz, que foi o "Hino do Expedicionário", onde o amor à Pátria distante criava novos símbolos, como o da "Cobra fumando" das tropas terrestres, o do "Senta a Pua" das forças aéreas e a da Âncora das forças do mar contra os inimigos da democracia, para acabar logo com a guerra e voltar ao trabalho, como no dito do verso:

"Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
sem que volte para lá.
Sem que leve por divisa
este "V" que simboliza
a vitória que virá." (Palmas.)

E veio.

O General Mark Clark foi um Comandante que na II Grande Guerra expressou, com sua personalidade firme, todos os melhores sentimentos de humildade, que propiciaram uma aliança de amizade entre os brasileiros que lá se encontravam com os nossos generais-comandantes, com os comandantes dos regimentos de infantaria, das unidades de artilharia e de engenharia, com os comandantes da motomecanização e com a representação do Primeiro Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira, sob o comando de Nero Moura.

Por isto, queremos deixar patente, Sr. General Mark Clark, que os brasileiros que com V. Ex^a conviveram e trouxeram para o Brasil as mais gratas recordações de heroísmo e elegância, de consciência libertária e combativa sejam assimiladas com o padrão dos nossos e de seus patrícios. (Palmas.)

Ao rememorar os feitos dos brasileiros no teatro de operações da Itália, não podemos deixar de enfatizar a nossa obstinação pela tomada de Monte Castelo.

Várias investidas foram tentadas antes que uma fosse coroada de êxito: a de 21 e 22 de fevereiro de 1945.

Já um pouco alcançado pelos inúmeros afazeres de minha vida civil, de profissional médico e professor universitário, vamos tentar rememorar os feitos de nossa gente, homens retirados da vida privada, muitos dos bancos escolares, outros das próprias guarnições do Exército Brasileiro, outros das bancas de trabalho das linhas de montagem, mas todos empenhados em elevar bem alto o pavilhão do nosso País, nos campos de batalha, fosse na Itália ou algures.

Foi-nos distribuída a tarefa da Itália, cujo povo tem as mesmas origens cristãs e culturais, só divergindo na adversidade ideológica das elites. Por isto, não invadimos a Itália como guerreiros, mas como libertadores, segundo as melhores tradições históricas de todos os povos latinos. (Palmas.)

Dias antes do 29 de novembro, o então Capitão Meira Matos, (**palmas**), hoje General, foi designado pelo General Mascarenhas de Moraes para assumir, numa emergência, o comando de uma Companhia do 11 RI, na frente de Guanela.

Em 29 de novembro, foi desfechado o primeiro ataque frontal a Monte Castelo. Coube ao 3º Batalhão do 11 RI, da gloriosa cidade de São João del Rey, Minas Gerais — berço de nosso maior inconfidente — a responsabilidade dessa tarefa.

As 7ª, 8ª e 9ª Companhias daquele Regimento escreveram, naquele dia, com o sangue, o suor e a vida dos que lá ficaram, uma página histórica que a Nação Brasileira marcou na 2ª Grande Guerra.

A 7ª Companhia, sob o comando do Capitão Olegário de Abreu Memória, a 8ª sob o comando de João Manoel Faria Filho e a 9ª, sob o comando de Hugo de Andrade Abreu, (**palmas**) através de seus comandantes de pelotão, Tenentes Itamar Viana, (**palmas**) José Belfort Arantes (morto em combate, ao qual rendemos nossas homenagens póstumas) e Agostinho Rodrigues (**palmas**) detentor do maior número de condecorações pela sua bravura e seu destemor.

Na frente do Monte Castelo encontrava-se a 8ª Companhia, no ponto denominado Guanela; à direita, na colina do Cemitério de Bombiana-e-Bombiana, encontrava-se a 7ª e na reserva, na chamada Casa de Guanela, encontrava-se a 9ª Companhia.

Sob o comando do Marechal Cordeiro de Farias (**palmas**) nos outros, os que fazíamos a cobertura de artilharia ligeira aos pelotões que se deslocavam, tínhamos que alcançar uma pequena colina próxima — Guanela. A 7ª e a 8ª deveriam atingir a terra de ninguém, Abetaia, a cidade dos mortos.

Na madrugada, recebemos ordem de atacar. Jamais esperávamos que os soldados alemães, cuja bravura é indispensável enfatizar, no respeito ao vencido, valorizassem tanto o denodo de nossos companheiros.

Com toda a cobertura da artilharia dos grupos de 105mm, dos auto-rebocados, dos tanques, da aviação, dos morteiros, dos obuses da infantaria, Castelo não cedia. E, na tarde, retornávamos para as linhas de partida, não vencidos ou desmoralizados, mas animados de um novo propósito, apesar da chuva, do frio e da lama, cujas temperaturas já começavam a ir abaixo de zero.

A 12 de dezembro, lá nos encontrávamos novamente, fazendo nossa tarefa. Para os infantas, nossa presença era quase um atestado fatal, pois nossos inimigos alemães, com muita facilidade, através de rádio-goniômetros, determinavam nossa posição, o que nos obrigava a mudar de canal a cada cinco minutos e de posição no terreno, para que pudéssemos fazer eficiente a artilharia nas posições das coordenadas e nas solicitações dos comandantes dos batalhões e companhias. Ainda em 12 de dezembro, lá se encontrava o Primeiro Batalhão do 11 RI. E se destacaram os Capitães Carlos Mena e João Bueno. (**Palmas.**) Este, gravemente ferido, veio a falecer.

Novamente, um infausto recuo para as linhas de partida. Mesmo assim, o moral das tropas brasileiras jamais atingiu o clímax de alarme, de desorganização, de falta de cumprimento do dever. A cada uma destas experiências, nossas mentes ficavam sulcadas e cada vez mais se aguçava a nossa vontade de vencer este fantástico adversário, o Exército regular alemão, o mais bem adestrado daquela época, que havia tomado quase toda a Europa e África.

Aí nos chegavam os acordes e versos do Hino Nacional Brasileiro:

"... mas se ergues da Justiça a clava forte verás que um filho teu não foge à luta!"

E não fugimos. De toda a parte nos chegavam os sons dos reveses alemães, em todas as frentes, já que os demais corpos dos Exércitos Aliados continuavam combatendo tenazmente o nazismo alemão e o fascismo italiano.

Alguns fatos pitorescos poderiam, Sr. Presidente e Srs. Congressistas, amenizar um pouco a tonalidade do nosso

pronunciamento. Diante da neve e do frio intensos, manifestou-se a imaginação e a criatividade do povo brasileiro. A bota de borracha — o **combat boot** — as meias de lã não impediam que as baixas temperaturas atingissem os membros inferiores, especialmente suas extremidades, provocando os chamados "pés-de-trincheira" ou as endo-arterites obliterantes, por problemas circulatórios, impedindo a irrigação dos tecidos, levando à necrose e conseqüentemente à amputação.

Os pracinhas brasileiros, resolvemos envolver nossas meias de lã em palhas de arroz ou de trigo, tendo-se mais tarde descoberto que uma bactéria aumentava a caloría do organismo. Em seguida, calçávamos as botas de borracha. Em pouco tempo esta "tecnologia de emergência" foi assimilada por todas as tropas aliadas que combatiam em temperaturas baixas, na Itália.

Em 20 de fevereiro de 1945 — e por suposto o dia do meu aniversário — iniciaram-se os preparativos para um novo ataque a Monte Castelo, sob a responsabilidade do Primeiro Batalhão do 1º RI, sob o comando do Major Uzeda e do III Batalhão do 1º RI, sob o comando do tenente-coronel Franklin de Moraes e, na reserva, em Gaggio Montano, o 3º Batalhão do 11 RI.

Não posso deixar, de passagem, de fazer o elogio da Arma de Artilharia, a qual estendo ao Comandante Cordeiro de Faria (**Palmas**), a que tive a oportunidade de servir com orgulho, funcionando como observador avançado. Nossa tarefa, na guerra, é destruir à distância, com armas de grosso, médio e pequeno calibre, sob cálculo geométrico, preparando a posterior ocupação da infantaria. Por isso mesmo, esmeravam-se os inimigos em descobrir nossas posições, para bombardear-nos com suas armas mais poderosas, e ainda os famosos franco-atiradores alemães que dificilmente erravam o alvo.

De certo modo, sobre nós atraímos a fúria dos céus. Por isso mesmo, nenhuma outra Arma do Exército — aliado ou inimigo — vê sem constrangimento nossa proximidade. Não obstante, é um dos percalços da guerra insignificante diante das tarefas das outras Armas.

Na madrugada de 21 de fevereiro, à nossa esquerda, a famosa Divisão de Montanha do Exército Americano escalonava as escarpas do Monte Belvedere. Especialmente treinada por mais de seis meses, apanhou de surpresa as guarnições alemãs que o guardavam, porque o Belvedere era uma sentinela avançada do Monte Castelo. A surpresa alemã durou pouco. Com sua capacidade de organização e resistência, passaram os alemães a fazer frente a esta famosa Divisão que marchava também diretamente para reforçar a encosta esquerda do Monte Castelo. Ao mesmo tempo, subiam os primeiro e terceiro batalhões do 1º RI, apoiados pela artilharia divisionária de Cordeiro de Faria, pelos tanques de Nelson de Melo e Plínio Pitaluga, pelos obuses dos regimentos de infantaria, pela aviação do 1º Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira, sob o comando de Nero Moura, hoje Brigadeiro.

E afinal, Monte Castelo caiu. Mas cobrou caro por sua derrota, pois na frente de La Serra e Bela Vista resistiu bravamente, onde o Tenente Apolo Miguel Resk teve a oportunidade de demonstrar a bravura do soldado brasileiro. (**Palmas.**) tendo sido agraciado com quase todas as condecorações brasileiras e as americanas, concedidas pelo General Mark Clark.

E o destaque à honra de subir, de primeira mão Monte Castelo coube ao Tenente Ernani Vidal, a disputar a primazia com o Tenente Patrício de Aquino. É importante registrar também as atividades de Ítalo Conti, Oficial de Legação, e Paulo Nunes, Oficial de Engenharia, que contribuíram decisivamente para os êxitos da Força Expedicionária Brasileira.

Nossa participação pessoal nas operações, servindo como observador avançado, junto ao Tenente Miguel Langone, ferido em combate no dia 21 de fevereiro, e Torquato Caiado Jardim, em Montese, em 14 de abril, testemunha o esforço de ambos, com bravura e denodo, na conquista dos objetivos, fazendo funcionar quase to-

da a artilharia divisionária no amaciamento para que os infantes ocupassem Montese.

Assim foi com Montese, Castelnuovo, Soprassasso. Mas era o Monte Castelo a nossa obstinação!

O 6º RI, da Caçapava, Estado de São Paulo, foi a primeira unidade de Infantaria a tomar posição no front italiano, na conquista de Barga e Viareggio.

Ao terminar, não podemos deixar de citar o Senhor General-Comandante da Infantaria Brasileira, Zenóbio da Costa, já falecido (Palmas.), o Senhor General-Comandante da Artilharia Divisionária, Cordeiro de Faria (Palmas), o Senhor General Olympio Falconieri (Palmas) e o nosso glorioso e festejado Brigadeiro Nero Moura (Palmas), Comandante do Primeiro Grupo de P-47, da Força Aérea Brasileira.

E, finalmente, a figura memorável e inesquecível do Comandante-Geral da Força Expedicionária Brasileira, nosso saudoso Marechal Mascarenhas de Moraes. (Palmas.)

Ao soldado desconhecido, que tombou nos campos de luta, nossa mais sentida e singela homenagem, em nome de todo nosso povo. Aos que voltaram, feridos ou acometidos de neuroses de guerra, nossa esperança na gratidão da Pátria.

"Sejam os vivos dignos dos mortos, que, tendo a guiá-los a imagem da Pátria distante, lutaram até o fim, pela tradição dos seus antepassados, a honra da nação e o ideal de liberdade."

Mais que um dia da Pátria, hoje é um dia de toda a humanidade, cujos líderes homenageamos na figura dos heróis presentes.

A S. Exª, o Sr. General Mark Clark, testemunha e penhor dessa epopéia que ajudou a varrer a pior forma de totalitarismo que o mundo já conheceu, transmitimos, em simbólica homenagem, o esforço e sacrifício de nossos Exércitos, que é o esforço e o sacrifício de todo o nosso povo.

O desforço mundial, onde 30.000.000 de pessoas deram a vida em prol da liberdade, teve o comando indormido de Roosevelt, Eisenhower e Mark Clark; de Churchill e Montgomery; de Mascarenhas de Moraes, Cordeiro de Faria, Nelson de Melo e Zenóbio da Costa; de Timoshenko e Zukhov; de De Gaulle e dos Maquis; dos partisans, e dos guerrilheiros titoístas; da resistência judia no Gueto de Varsóvia; da resistência de Sebastopol, no Mar Negro; do sacrifício de Guernica e Garcia Lorca. (Palmas.)

De todo o mundo, civis e militares de mãos dadas, em frente única no grito de "Morte do invasor, morte ao nazismo, morte ao fascismo, morte ao totalitarismo!"

E vivas à liberdade, vivas aos heróis, vivas às nações democráticas e progressistas!

Muitos já não estão conosco: morreram ou mudaram suas formas de luta. Trinta anos passados, ignoremos, nesta data, o descaminho dos que se perverteram, dos que antes juntos, hoje se polarizam em diferentes trincheiras ideológicas.

E não choremos os desaparecidos, porque morreram por uma boa causa, que permanece ainda hoje nos sentimentos dos amantes da paz, do progresso, da liberdade e da democracia. (Palmas.)

Permita-me, finalmente, Sr. Comandante Mark Clark, que passe às mãos de V. Exª este discurso, com a dedicação de um ex-pracinha seu comandado. (Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Nunes Leal.

O SR. NUNES LEAL (Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Srs. Ministros de Estado, Srs. Congressistas, Srs. Oficiais Gerais, minhas senhoras, meus senhores e meus queridos companheiros ex-combatentes:

O Congresso Nacional comemora hoje os trinta anos decorridos desde o pesadelo mundial da Segunda Grande Guerra. Mas o que torna esta solenidade realmente consagrada não é que ela recorda

o emudecimento dos canhões, cuja sinfonia de alucinar ainda bombardeia os meus ouvidos, mas que ela festeja o triunfo das Nações Aliadas, que significou a salvação da humanidade e para o qual correu o Brasil com "sangue, suor e lágrimas".

E aqui nos honra, ao lado das nossas altas autoridades, em que reverenciamos hoje o poder da paz, esse notável General Mark Clark, que então simbolizava o poder da guerra, como o heróico Chefe, na Itália, do 5º Exército da Vitória, que incluía a Força Expedicionária Brasileira, de cuja bravura ele dá o testemunho da sua presença nesta Casa de todo o povo brasileiro, inclusive dos que serviram sob seu comando, e dos filhos e netos desses combatentes.

Permitam-me evocar a emoção do 8 de maio de 1945 nas linhas de vanguarda das tropas brasileiras, quando ali chegou a nova do armistício; ela nos trazia o sopro da vida no súbito silêncio do front, que não era mais o angustioso intervalo da morte, mas a comovida certeza de estarmos vivos, e a esperança, a imensa esperança de que o mundo seria melhor.

Adeus às madrugadas de vigília nos postos avançados e à surpresa mortal das emboscadas. Esvaia-se a tensão das longas esperas paradas que prenunciavam combates; rareava o ronco apressado das ambulâncias e, em vez dos jovens mortos, que o dragão insaciável das batalhas devora, os pelotões de sepultamento podiam levar flores ao cemitério.

Mas nesses túmulos, onde já pousávamos o joelho sem pressa, relembro os nossos mortos, descuidados de nossa própria morte, murmurando nossa prece ou simplesmente pensando "Alô, companheiro!"; nesses túmulos que se interpunham em nossos pensamentos, ainda em meio às comemorações locais da paz restituída, que a todos irmanava no mesmo júbilo; nesses túmulos que encerravam peles de todos os matizes e, em terras européias, perpetuavam nomes de brasileiros escritos nas muitas línguas que aqui se caldearam; nesses túmulos rasos que simbolizavam, na singeleza dos funerais de guerra, a pobreza discreta e limpa dos nossos soldados e oficiais, amostras fidedignas deste povo simples e bom, mais pobre que remediado, mais humilde que arrogante, mais esperançoso que desiludido, mais paciente que agressivo; nesses túmulos de companheiros conquistados para a glória, mas perdidos para a vida e que já não disputariam conosco um lugar no tombadilho para ver ou saudar, no cais do Rio de Janeiro, os parentes e amigos de braços abertos; naqueles túmulos, ao lado dos nossos mortos, que o ideal e o dever imolaram, as emoções que nos assaltavam, em ondas sucessivas, transportavam nosso pensamento para o Brasil. E aqui nos víamos, ajoelhados neste chão que a destruição da guerra poupou, embora ensangüentasse nossos mares, aqui nos víamos abraçando os pais, os irmãos, os filhos, as esposas, as noivas, as namoradas, os amigos, toda essa gente que chorou por nós, quando partimos, que chorava por nós, quando a guerra nos feria, nos deformava ou nos matava, e que choraria por nós, quando voltássemos, nessa mistura de alegria e sofrimento, que é a condição de ser do ser humano, a que não fugiria o povo brasileiro.

E então uma pergunta dilacerante excitava nossa suspeita. E mesmo depois de chegados, sob a proteção da bandeira nossa, com o dístico "Brasil" no braço, exibindo o orgulho da F.E.B., e a saudação dos clarins, anunciando que havíamos cumprido o dever, a pergunta crítica nos espicaçava o cérebro, e ainda hoje a repetimos, todos nós que de um modo ou de outro colaboramos no esforço de guerra, principalmente os que perderam entes queridos, já para a vida mesma, já para a vida normal, e a pergunta é esta: — Valeu o sacrifício?

Passados trinta anos, eu responderia que valeu a pena, e creio que a quase totalidade, senão todos os que de alguma forma expuseram sua vida (e só a estes me refiro, porque os outros, que se foram, já não poderiam falar), creio — repito — que todos ou quase todos igualmente diriam que valeu a pena.

Valeu a pena lutar nos campos da Itália. Valeu a pena lutar nas águas em que flutuava nosso pavilhão, lutar em fogo aberto, ou na

defensiva contra o desconhecido, ou no esforço de sobreviver aos torpedos traiçoeiros. Valeu a pena lutar nos ares, ou sobrevoando na costa os submarinos ocultos, ou matando e morrendo nos céus de além-mar. Valeu a pena a coragem dos soldados, marinheiros e aviadores do Brasil. Valeu a pena enfrentar os temores, os perigos, os sofrimentos e a morte. Valeu a pena o trabalho, a provação, o estímulo, o propósito, a confiança dos que de longe nos ajudaram. Valeu a pena a saudade, o aperto de coração, o soluço e o pranto dos que nos amavam e confiavam em nós, e temiam por nós, e rezavam por nós, e ansiavam por nossa volta, especialmente por nossa segurança, que é inseparável da segurança do País, que é inseparável da segurança do mundo.

Tudo valeu a pena, antes do mais, porque era esse o nosso dever, não só perante o nosso povo, mas também diante dos contemporâneos, como ainda em consideração dos pósteros, já que lutávamos por princípios em que se concentra a maior das aspirações humanas: a liberdade com dignidade. Valeu a pena lutar pela liberdade dos povos e da pessoa. Valeu a pena lutar pela dignidade dos indivíduos e das nações.

Não nos traz arrependimento, nem nos fará desesperar o espetáculo que nossos olhos desvendam por toda parte: desentendimentos, egoísmos, paixões, radicalismos e violências.

A primeira vista, estamos enclausurados num beco da história, condenados à hecatombe. Um volumoso contingente de mão-de-obra — sob a direção de técnicos de alto valor, comandados por cientistas que dão lustre às Universidades mais famosas — continua dedicado ao aperfeiçoamento e produção em massa de armas cada vez mais mortíferas. Esse espantinho da guerra total, que todos condenamos e repelimos, mas receamos possa desencadear-se pelo imprevisto de um erro ou pelo desvio de uma cabeça apaixonada, faz desabar sobre o nosso quotidiano a incerteza apavorante, não do futuro remoto, mas da hora que passa, porque essa guerra excomungada, porém pressentida, poderia acarretar, somente com as atuais reservas de armas atômicas, o extermínio total da humanidade.

Realmente, o após-guerra não nos trouxe a tranquilidade e a concórdia que almejávamos; mas, não obstante os riscos crescentes em várias regiões do mundo, onde irromperam guerras cruentas, mas localizadas, durante três decênios, tem sido evitada uma efetiva e atual ameaça de conflagração do Mundo, quando antes bastaram 21 anos para que das cinzas da primeira se acendesse a fogueira da Segunda Grande Guerra. E este é um sinal auspicioso que devemos creditar aos estadistas do presente.

Não há negar que as tensões com que nos defrontamos frequentemente são mais intensas que as de outrora, mas a compreensão, o instinto, o bom-senso, a responsabilidade e a experiência dos Chefes de Estado de quem depende a sobrevivência da espécie humana têm conseguido liderar seus povos no sentido de evitar o conflito generalizado, o que é uma vitória da paz, conquanto perturbada, aqui e ali, pelo canhoneio impiedoso e salpicado do sangue dos inocentes e dos culpados. E um dos fatores dessa contensão, ainda que os céticos divirjam, é a validez, a permanência em nós, a eternidade, que desejariamos, dos valores da liberdade e da dignidade, pelos quais valeu a pena lutar na última Guerra Mundial, como valerá a pena lutar em outras frentes.

Primeiro haveremos de lutar antes da guerra, antes que ela exploda com seu cortejo de horrores, lutar para eliminar ou, quando menos, adiar os conflitos, para limitar ou esfriar os riscos do confronto, para conter e fazer regredir os radicalismos, para possibilitar, assim, a milhões de seres, pelo Universo afora, viver mais tempo, para depois viver sem ódio, para depois viver sem medo, para depois viver livres, felizes, dignos, seguros e em paz. (Palmas.)

Quem já possui a experiência pessoal de uma guerra, onde destruir é dever, matar é fatalidade, dominar é a única forma de não ser subjugado, onde a ordem substitui a persuasão, a subordinação elimina a prudência e o troar das bocas de fogo amordaça a voz

humana, quem viveu uma guerra carrega consigo, no coração, no pensamento, no renovado juramento de cada dia, a bandeira da paz. (Palmas.) Que os nossos filhos, como os filhos dos nossos eventuais competidores, não sejam chamados, jamais, ao sacrifício da sua carreira, da sua segurança, dos seus amores, dos seus sonhos, da sua vida, senão nas trágicas circunstâncias em que periga o destino da Nação, mas nunca por uma ridícula contravenção da história, quando os dirigentes dos povos, por egoísmo, vaidade, ambição ou incapacidade, não tenham sabido entender-se. Lutar por esse entendimento, no plano internacional, como no interno, deve ser o nosso compromisso, pois é a inspiração do fundo de nós mesmos e que coincide com os elevados propósitos da chefia política nacional, pela qual responde, com o seu conhecimento e experiência, o seu patriotismo e a sua clara visão do futuro, o ínclito Presidente Ernesto Geisel. (Palmas.)

Ser contra a guerra, traz a concórdia nos atos, nas palavras e na alma não significa, porém, fechar os olhos à realidade do mundo, nas circunstâncias perigosas em que vivemos. Assistimos a mudanças políticas, tanto internas como externas, em nações que só levam em conta o interesse próprio, sem consideração pelas consequências que possam advir às outras. Ante nossos olhos, compromissos firmes deixam de ser honrados em razão de conveniências econômicas e comerciais, e anseios de modificação na política interna são massacrados pelas esteiras de tanques estrangeiros sob o estandarte da proteção. Nem as crianças estão protegidas das bombas terroristas, quaisquer que sejam as motivações que as fazem explodir.

Nesse mundo conturbado, ser contra a guerra não é desejar o país fraco, despreparado, derrotista, incapaz de reagir, se necessário, às ameaças à sua soberania. (Palmas.) A segurança do país, como dos indivíduos, é um dado essencial da paz, e não há segurança sem forças armadas eficientes, modernizadas, prestigiosas e merecedoras da confiança, da admiração e do respeito que, de longa tradição, têm recebido do nosso povo. E neste, como em muitos outros aspectos da vida social, as posições são mutuamente dependentes. Não há paz sem segurança, mas também não há segurança duradoura sem paz, porque a segurança material e a segurança íntima são faces da mesma realidade que nunca se tentará cindir impunemente.

O brasileiro, por formação, por temperamento, pelos princípios morais que o inspiram, pelas lições da história pátria, nunca se deixou empolgar pelo entusiasmo da aventura imperialista. O legado que as nossas gerações vêm recebendo umas das outras é o amor pela liberdade sem ódio, a disposição de conviver em harmonia com todos os povos, a compreensão de que os outros têm o direito de amar sua terra à sua maneira, como queremos a nossa ao nosso modo, o reconhecimento de que cabe a cada povo construir seu destino, como também estamos edificando o nosso futuro, fiéis ao que é essencial e permanente em nosso passado, e atentos, vigilantes e compreensivos diante das inspirações, anseios e reivindicações do presente.

Celebrar hoje o triunfo dos aliados há trinta anos é repetir o juramento aos ideais e valores pelos quais se sacrificaram tantos seres humanos, sem faltar os brasileiros; é reatar o compromisso de defender nossa liberdade e nossa dignidade, a liberdade e a dignidade de todos nós, civis e militares, pobres e ricos, fracos e poderosos, sem distinção de raça, cor ou sexo, porque somos todos irmãos pela nacionalidade, pela história, pelo modo de ser, pelo destino comum, pela certeza de sermos uma grande nação e pelo propósito de torná-la mais rica, mais forte, mais livre, mais feliz.

Para isso valeu a pena o sacrifício dos que sofreram, se inutilizaram ou morreram nas águas brasileiras e nos céus e campos da Itália, sacrifício que não lamentamos, mas exaltamos, como faz agora o povo brasileiro, representado nesta Casa, com os olhos postos menos no passado que no futuro da nossa Pátria. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — A Presidência deseja agradecer a presença dos Srs. Parlamentares e das digníssimas autoridades que, em aqui comparecendo, revestiram de maior sole-

nidade a comemoração, pelo Congresso Nacional, de tão significativa data.

Antes de encerrar a sessão, a Presidência convida os presentes a comparecerem ao Salão Nobre, onde será oferecido um coquetel e

quando terão oportunidade de cumprimentar S. Ex^a o Sr. General Mark Clark.

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 16 horas.)

O CONGRESSO NACIONAL E O PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO SOCIAL

**HISTÓRICO DA LEI COMPLEMENTAR
Nº 7, DE 7-9-70**

Volume com 356 páginas — Preço: Cr\$ 15,00

**TRABALHO ELABORADO E REVISADO PELA
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS — SENADO FEDERAL**

À VENDA NO SENADO FEDERAL, 11º ANDAR

Os pedidos de publicações deverão ser dirigidos à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL,
Ed. Anexo I, 11º andar, Praça dos Três Poderes — 70000 — BRASÍLIA — DF,
acompanhados de cheque nominal, visado, pagável em Brasília e emitido a favor do
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL
ou pelo sistema de reembolso postal.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

QUADRO COMPARATIVO

VOLUME COM 328 PÁGINAS — PREÇO: CR\$ 15,00

CONTÉM, COMPARADAS EM TODOS OS ARTIGOS:

Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969.

Constituição do Brasil de 24 de janeiro de 1967 (e as alterações introduzidas pelos Atos Institucionais de nºs 5 a 17 e Ato Complementar nº 40/69, ratificado pelo art. 3º do Ato Institucional nº 6/69).

Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 18 de setembro de 1946 (com as Emendas Constitucionais e Atos Institucionais que a alteraram).

Em notas, além de outras observações, são destacadas as alterações aprovadas pelo Congresso Nacional, através de emendas, ao Projeto de Constituição remetido ao Congresso pelo Presidente Humberto de Alencar Castello Branco, em dezembro de 1966.

**Trabalho organizado e revisado pela Subsecretaria de Edições Técnicas
e impresso pelo Centro Gráfico do Senado Federal**

À VENDA NO SENADO FEDERAL, 11º ANDAR

Os pedidos de publicações deverão ser dirigidos à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL,
Edif. Anexo I, 11º andar, Praça dos Três Poderes - 70000 - BRASÍLIA - DF,
acompanhados de cheque nominal, visado, pagável em Brasília e emitido a favor do
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL
ou pelo sistema de **reembolso postal**.

PREVIDÊNCIA SOCIAL

Legislação Atualizada

Lei Orgânica da Previdência Social (Lei nº 3807/60) com redação atualizada.

Comparação com os textos anteriores. Notas explicativas e remissivas.

Jurisprudência administrativa.

Criação do Ministério da Previdência e Assistência Social.

Regulamento da Previdência Social.

Regimento do INPS.

Edição: agosto de 1974 — 318 páginas

PREÇO: CR\$ 20,00

Os pedidos de publicações deverão ser dirigidos à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL,
Ed. Anexo I, 11º andar, Praça dos Três Poderes — 70000 — BRASÍLIA — DF
acompanhados de cheque nominal, visado, pagável em Brasília e emitido a favor do
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL
ou pelo sistema de **reembolso postal**.

REFORMA ADMINISTRATIVA

(obra elaborada pela Subsecretaria de Edições Técnicas)

DECRETO-LEI Nº 200/67 — redação atualizada

- **Legislação citada**
- **Legislação alteradora**
- **Legislação correlata**

Edição — setembro de 1974

420 páginas

Preço: Cr\$ 25,00

À VENDA NO SENADO FEDERAL, 11º ANDAR

Os pedidos de publicações deverão ser dirigidos à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL,
Ed. Anexo I, 11º andar, Praça dos Três Poderes — 70000 — BRASÍLIA — DF,
acompanhados de cheque nominal, visado, pagável em Brasília e emitido a favor do
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL,
ou pelo sistema de **REEMBOLSO POSTAL**.

TRÂNSITO

Legislação atualizada

Código Nacional de Trânsito e seu Regulamento — atualizados

Legislação especial e correlata

Ilícitos penais do Trânsito

Resoluções do CONTRAN

Notas — Comparações — Remissões

Furto de uso

"Revista de Informação Legislativa" nº 38

452 páginas

PREÇO: Cr\$ 25,00

Os pedidos de publicações deverão ser dirigidos à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL,
Ed. Anexo I, 11º andar, Praça dos Três Poderes — 70000 — BRASÍLIA — DF,
acompanhados de cheque nominal, visado, pagável em Brasília e emitido a favor do
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL
ou pelo sistema de **reembolso postal**.

CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO

Texto atualizado da CLT, comparado ao texto original de 1943 e a todas as alterações introduzidas durante mais de 30 anos de vigência.

Notas explicativas.

Legislação correlata.

616 páginas

PREÇO: CR\$ 35,00

À VENDA NO SENADO FEDERAL, 11º ANDAR

Edição: agosto de 1974

Os pedidos de publicações deverão ser dirigidos à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL,
Ed. Anexo I, 11º andar, Praça dos Três Poderes — 70000 — BRASÍLIA — DF,
acompanhados de cheque nominal, visado, pagável em Brasília e emitido a favor do
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL
ou pelo sistema de **reembolso postal**.

LEGISLAÇÃO ELEITORAL E PARTIDÁRIA

(obra elaborada pela Subsecretaria de Edições Técnicas)

- Lei Orgânica dos Partidos Políticos (e suas alterações);
- Código Eleitoral (e suas alterações);
- Sublegendas;
- Inelegibilidades (Leis Complementares nºs 5/70 e 18/74);
- Colégio Eleitoral (Presidente da República e Governadores);
- Resoluções do Tribunal Superior Eleitoral;
- Resolução do Tribunal de Contas da União
(prestação de contas dos Partidos Políticos);
- Lei do transporte gratuito em dias de eleição
(Lei nº 6.091, de 15-8-1974);
- As últimas instruções do T.S.E.
(voto no Distrito Federal; justificação dos eleitores que não votarem)

Edição — Setembro de 1974

340 páginas

Preço: Cr\$ 20,00

À venda no SENADO FEDERAL, 11º andar.

Os pedidos de publicações deverão ser dirigidos à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL,
Ed. Anexo I, 11º andar, Praça dos Três Poderes — 70000 — BRASÍLIA — DF,
acompanhados de cheque nominal, visado pagável em Brasília e emitido a favor do
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL,
ou pelo sistema de REEMBOLSO POSTAL.

CÓDIGO PENAL

QUADRO COMPARATIVO

**O NOVO CÓDIGO PENAL
(DECRETO-LEI Nº 1004/69, COM AS ALTERAÇÕES DA LEI Nº 6016/73)
COMPARADO AO CÓDIGO PENAL DE 1940.**

Notas

**Alterações do Código Penal de 1940
Legislação correlata
Texto original do Decreto-lei nº 1004/69**

Subsídios

**Exposição de Motivos do Código Penal de 1940
Exposição de Motivos do Código Penal de 1969
Exposição de Motivos do Projeto que deu origem à Lei nº 6016/73**

À VENDA NO SENADO FEDERAL, 11º ANDAR

PREÇO: CR\$ 25,00

Os pedidos de publicações deverão ser dirigidos à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL,
Ed. Anexo I, 11º andar, Praça dos Três Poderes — 70000 — BRASÍLIA — DF,
acompanhados de cheque nominal, visado, pagável em Brasília e emitido a favor do
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL,
ou pelo sistema de reembolso postal.

Centro Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 1.203
Brasília — DF

EDIÇÃO DE HOJE: 16 PÁGINAS

PREÇO DESTA EXEMPLAR: Cr\$ 0,50